



RESSIGNIFICANDO OS ESTUDOS TIPOLOGICOS: CHARAUDEAU E O MODO DE ORGANIZAÇÃO NARRATIVO¹

Juliana Behrends de Souza Cerqueira (Doutoranda/UFF)²

CHARAUDEAU, Patrick. Modo de organização narrativo. In: *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

A presente resenha se presta a analisar o capítulo *Modo de organização narrativo*, de Charaudeau (2008), que se inscreve na obra *Linguagem e discurso: Modos de organização*. Tal recorte compõem uma tríade vanguardista que traz um novo olhar para já canonizada teoria que setoriza os textos em tipos textuais. Frente a isso, o referido linguista triangula a discussão em três modos, o *descritivo*, o *narrativo* e o *argumentativo*, fornecendo uma nova visão para essa taxonomia. Sobre o autor, é importante dizer que este é hodierna e popularmente reconhecido como o “pai” da semiolinguística, sendo integrante da Universidade Paris-Nord e especialista em Análise do Discurso.

O capítulo em questão se organiza em três grandes eixos, a saber, *Sobre o modo narrativo*; *Organização da lógica narrativa* e *A encenação narrativa*. Por meio de uma visão semiolinguística, o autor trabalha a questão da organização narrativa sob uma perspectiva pautada no *discurso* e não somente na materialidade do texto, ou seja, considera as categorias de língua inseridas em uma visada mais discursiva.

Dessa forma, na primeira seção, *Sobre o modo narrativo*, Charaudeau (2008) inicia com a problematização de que o modo de organização narrativo é complicado de tratar, pois lida com correntes teóricas muito tradicionais e com a

¹ Resenha produzida para composição de nota junto ao curso **CONCEITOS BÁSICOS EM SEMIOLINGUÍSTICA – TEORIA E ANÁLISE** (Disciplina Semiolinguística), ministrado pela Professora Ilana Rebelo, do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos de Linguagem, no 1º semestre de 2023.

² Possui graduação em Português/Inglês pela Fundação Educacional Unificada Campo-grandense (2005), pós-graduação em Língua Portuguesa pelo Liceu Literário Português (2007) e em Ciências da Educação pela Faculdade de Ciências e Educação do Espírito Santo (2019), mestrado em Letras na UFRRJ (2018), Doutorado em Ciências da Educação (UI-PY) e estuda Doutorado em Estudos da Linguagem na UFF (2022-2026). Fez, ainda, aperfeiçoamento em Ensino de Língua Portuguesa/ Literatura CEDERJ (2012) e Tecnologia Assistiva, Projetos e Acessibilidade: Promovendo a Inclusão UNESP (2010). Atualmente, é professora regente de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II, Campus São Cristóvão II.



perpetuada didática da escola. Diante desse entrave, inicia com discussões acerca da tradição escolar, afirmando que o tratamento fornecido ao modo narrativo se pauta em alguns enraizados modos de fazer. O primeiro, *a prática de exercícios*, perpetua situações de comunicação não autênticas em prol de se “[...] descrever ou contar acontecimentos” (p. 151). Na sequência, cita a recorrente prática de classificar textos que reforça a “[...] falsa ideia de que um texto é homogêneo e só permite olhar seu modo de organização pelos critérios de gênero” (p. 152). Por fim, detalha a *pedagogia da explicação do texto* que, na prática, se vale de um discurso argumentativo acerca de uma determinada narrativa literária, ou seja, busca explicar aspectos relacionados à forma e ao conteúdo sem distinguir categorias de língua, de discurso e de situações de comunicação. Feitas as considerações sobre a tradição escolar, Charaudeau (2008) inicia explicações sobre *A semiótica narrativa* com o intento de trazer à baila os estudos de Propp sobre a análise estrutural da narrativa e outros temas. O linguista relata que tais constructos se apresentam, por vezes, de modo muito técnico e com muitas acepções, reafirmando que o “[...] ponto de vista aqui escolhido não é exclusivo de nenhuma teoria, mas também não se pode pretender ser uma síntese de teorias” (p. 152). O segundo bloco dessa primeira seção, *Definição e função do narrativo*, o autor conceitua o ato de contar, indicando que tal empenho “[...] não é somente descrever uma sequência de fatos ou acontecimentos [...] é fazer a descrição de uma sequência de ações, mas não necessariamente uma narrativa” (p. 153). Frente a isso, Charaudeau (2008) revela que, para que se identifique uma narrativa, é necessário um “contador” com carga de intencionalidade direcionada a um dado contexto. Segue discorrendo sobre o ato de contar em perspectiva narrativa, dando ênfase ao contar entre ficção e realidade e entre unicidade e pluralidade. Com a meta de encerrar essa primeira parte, aborda *A ordem do narrativo*, revelando que a “[...] narrativa é uma totalidade, o narrativo um de seus componentes” (p. 156). Detalha a função do narrativo, por meio do contraste entre o modo narrativo e o modo descritivo, enfatizando as formas de visão-construção do mundo e os papéis dos sujeitos. Termina com o princípio de organização do modo narrativo, evidenciando a presença de uma superfície semantizada, ou seja, com uma construção de uma sucessão de ações e com a realização de uma representação narrativa.



A segunda seção, *Organização da lógica narrativa*, segue a toada teórica, destrinchando eixos como *Componentes da lógica narrativa* e o denominado como *Procedimentos da configuração da lógica narrativa*. Charaudeau (2008) rememora que há um tom hipotético na edificação da terminologia *lógica narrativa*, visto que constitui a “[...] trama de uma história que se supõe despojada de suas particularidades semânticas” (p. 159). Dito isso, apresenta os componentes dessa construção, nomeando-os como *actantes* (aqueles com papéis relacionados à ação da qual dependem); os *processos* (que agrupam esses actantes por meio de uma orientação funcional); e as *sequências* (que fusionam processos e actantes, seguindo princípios de organização). Sobre os actantes, o primeiro componente, o autor elenca algumas particularidades discursivas inerentes, tais como os papéis narrativos, destacando seus enfaçamentos como agente, paciente e destinatário. A noção de hierarquização, percebida sob o ponto de vista de sua natureza (actantes humanos ou correlatos) e sob o ponto de vista de sua importância (actantes principais e secundários); a qualificação dos actantes narrativos, em que se estabelece uma distinção entre actante – forma não qualificada – e personagem – forma qualificada; por fim, cita a ideia de questionário actancial, que almeja concretizar, em forma de perguntas, o enquadramento dos actantes narrativos. Acerca dos processos, cita que “[...] assemelham-se aos processos expressos pelas categorias de língua” (p. 163), mas, no estudo que aqui se detalha, tais processos devem ser tratados como categorias de discurso. Postas tais considerações, Charaudeau (2008) examina as sequências e seus princípios de organização, enfatizando o *princípio de coerência*, ou seja, um papel de abertura e de fechamento na narrativa; o princípio de intencionalidade, já que a narrativa deve ser motivada; o *princípio de encadeamento*, um associar de processos de coerência e de intencionalidade; e, por fim, o *princípio de localização*, que é a atribuição de pontos de referência à organização da trama narrativa. Ainda na segunda parte, o autor aborda os *Procedimentos de configuração da lógica narrativa*, destacando os ligados à *motivação intencional* (agente voluntário e agente não voluntário); os *relacionados à cronologia* (contínua em progressão; em inversão; descontínua em expectativa e descontínua em alternância); os análogos ao *ritmo* (condensação e expansão); e os associados à *localização espaço-temporal*.



A última parte se apresenta de modo mais exemplificativo ao tratar de *A encenação narrativa*. Esse momento do estudo se organiza em dois grandes eixos, a saber, *Componentes da encenação narrativa* e *Procedimentos de configuração da encenação narrativa*. Na primeira parte, trata do *dispositivo narrativo; dos parceiros e protagonistas da encenação narrativa; e o narrador/leitor destinatário*. No segundo momento, Charaudeau (2008) aborda as *intervenções e identidades do narrador*, revelando que a narrativa “[...] se apresenta ao leitor como um conjunto organizado e contado por um narrador” (p. 188), segue para a *presença e intervenção do autor-indivíduo*, evidenciando o efeito verismo; dá sequência no esmiuçamento da *presença e intervenção do autor-escritor*, que soma ao verismo o efeito de cumplicidade; e enseja a *presença e intervenção do narrador-contador*, que abarca o contexto sócio-histórico e o projeto de escritura. No segundo momento, desenvolve a ideia de *O estatuto do narrador*, enfatizando que estabelece um liame empírico entre o narrador e a história contada. Nesse ponto, detalha ideias de que o narrador conta a história do outro, conta sua própria história e que existem muitos narradores no jogo de integração ou de encaixamento de histórias. A última seção traz discussões sobre *Os pontos de vista do narrador*, que trata da “[...] relação que se estabelece entre o narrador e a sua (ou suas) personagem” (p.197) que se estabelece do ponto de vista externo (objetivo) ou do ponto de vista interno (subjetivo).

De modo conclusivo, o capítulo aqui analisado deixa muitas inquietações e anseios por respondimento a diversas perguntas, mas, sem dúvida alguma, traz a questão da organização narrativa para uma perspectiva que faz muito mais sentido aos estudos linguísticos hodiernos. Um dos pontos que parece um olhar mais específico e aprofundado é em relação a percepção discursiva do narrador, visto que utilizar a mesma terminologia dos estudos puramente circunscritos às categorias de língua parece não dar conta das ressignificações propostas por Charaudeau (2008). Em paralelo a isso, os escritos aqui em questão não se colocam na posição de substituir nenhuma teoria que já esteja canonicamente inserida nos contextos de sala de aula ou em estudos linguísticos mais avançados, apenas traz um novo olhar inserido em constructos semiolinguísticos. Dessa maneira, a obra aqui resenhada precisa adentrar às formações continuadas docentes a fim de dar um contributo aos profissionais de educação no que tange ao trabalho desenvolvido na escola, possibilitando a criação de um importante



divisor de águas nas ações desempenhadas junto aos estudantes em processo de escolarização.